

## RESENHA

Maurício SILVA<sup>√</sup>  
Nayane Oliveira FERREIRA<sup>√√</sup>

TENNINA, Lucía. **CUIDADO COM OS POETAS! LITERATURA E PERIFERIA NA CIDADE DE SÃO PAULO**. PORTO ALEGRE: ZOUK, 2017.

Professora de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, Lucía Tennina é uma das grandes referências nos estudos sobre as produções literárias das periferias de São Paulo. Entre suas publicações, podemos encontrar **Saraus das periferias de São Paulo**: poesia entre tragos, silêncios e aplausos (2013), **Polifonias marginais** (2016) e **Cuidado com os poetas! Literatura e Periferia na cidade de São Paulo** (2017), objeto desta resenha.

Foi a partir de uma viagem a São Paulo, que fez com a intenção de conhecer o Sarau da Cooperifa<sup>1</sup>, liderado por Sérgio Vaz<sup>2</sup>, que Tennina se interessou de fato por essa produção literária, logo realizando uma aproximação antropológica com o objeto de estudo de seu doutorado. Ao longo de meses, Tennina pôde aprofundar-se em sua pesquisa de campo, visitar diferentes saraus e entrevistar poetas e frequentadores desses locais.

O resultado dessa pesquisa – seu livro **Cuidado com os poetas!** – foi dividido em quatro capítulos (fora a Introdução, Considerações Finais e um Anexo, que traz as biografias dos sujeitos da pesquisa). A autora começa relatando um pouco seus primeiros contatos com a literatura marginal da periferia de São Paulo e

<sup>√</sup> Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de mestrado e doutorado na Universidade Nove de Julho (UNINOVE).

<sup>√√</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE).

<sup>1</sup> O Sarau da Cooperifa é um movimento cultural com atividades há mais de dezoito anos no bar Zé Batidão, localizado na periferia da zona sul de São Paulo.

<sup>2</sup> Sérgio Vaz, poeta e agitador cultural, é um dos criadores do Sarau da Cooperifa. Autor dos livros **Literatura, pão e poesia** (2011), **Colecionador de pedras** (2013) e **Flores de Alvenaria** (2016).

sua dificuldade com o idioma, pois os textos eram marcados por um vocabulário da rua, das periferias, palavras que ela nunca tinha escutado em suas aulas de português ou lido nos livros, parecendo-lhe um código secreto, algo que superava a língua escrita, afirmando uma marca própria. Discute também, de início, o fato de parte da crítica atribuir a essa produção uma importância literária mínima, apontando nela certo preconceito.

Suas reflexões seguem o caminho da análise dos saraus de poesia da periferia da zona sul da cidade de São Paulo, centrando-se, principalmente, no Sarau da Cooperifa, primeiro sarau da periferia de São Paulo, criado em 2001 por Sérgio Vaz. Para a autora, é nos saraus que a literatura passa a ser entendida como um território de culto à autoestima dos moradores da periferia e estão centrados menos nos artifícios literários e mais no cultivo da *persona*, a partir da poesia (consciência de si mesmo e valorização do coletivo). Sérgio Vaz relata à autora que seu objetivo é levar autoestima à comunidade, levar humanidade às pessoas, a poesia não como uma forma de escrita, mas como um estilo de vida. Para ser poeta neste universo não é necessário ter uma trajetória acadêmica, mas sim um reconhecimento comunitário.

Os temas e motivos presentes nos poemas que circulam neste meio são bastante diversificados, mas a condição de periférico está quase sempre presente neles, revelando-se, muitas vezes, por meio dos fortes vínculos com a região nordeste e com a cultura negra, reafirmando com orgulho as marcas da negritude periférica. A cultura nordestina se revela nas referências à arte dos repentistas, cantadores e cordelistas; a cultura negra, por meio de cantos de umbanda e candomblé, de canções de rap, das relações com o movimento hip-hop e do teor de denúncia e combate ao racismo, à segregação e à violência contra os grupos sociais negros. Nesse sentido, complementa a autora, os saraus ressignificariam as experiências do espaço periférico.

Analisando algumas produções de poetas desses saraus, a autora lembra que, muitos deles, funcionam como um resgate de vidas esquecidas, de histórias apagadas, e os próprios saraus são, assim como o movimento hip-hop, um lugar de resgate das pessoas ao apresentar-lhes outras possibilidades de realização, num projeto de resgate da autoestima e da identidade. A relação com o hip-hop é bem

intensa, e a autora aponta que muitos poetas tiveram sua entrada para o mundo da escrita por meio das letras de *rap*, principalmente pelas letras produzidas pelos **Racionais MC's**. Por fim, a autora retoma a problematização relativa às restrições do termo literatura e destaca que os saraus questionam a associação da poesia com o pensamento letrado, complexo e exclusivo: atualizam o sentido da poesia, passam a pensá-la como algo vivo e cotidiano, que não se restringe a determinados grupos sociais.

Ao estudar a articulação que os saraus estabelecem entre si, formando um movimento coletivo, próprio de um sistema literário independente e autônomo, Tennina retoma a origem do termo sarau – datado do século XIX, num modelo mais elitista – até chegar a sua ressignificação, já no século XXI: a poesia deixa de estar apenas em lugares restritos a poucos, até mesmo por estar em regiões mais centralizadas, e passa a estar também em um lugar mais **prosaico**, ultrapassa a cultura letrada e chega à cultura periférica e oral. Nesse novo cenário, os bares também ganham novos sentidos, pois, devido à carência de espaços públicos nas regiões afastadas, eles que acolherão esse **novo** movimento cultural. Outro destaque que a autora faz é a consciência destes poetas com relação à diferença entre a palavra escrita e a palavra recitada, o que não é um impeditivo para que haja publicações de livros, feitos quase sempre de maneira independente e vendidos a preço de custo.

Os autores que circulam nesta cena do sarau apresentam-se também como leitores de todos os tipos de literatura, inclusive daquela produzida por eles mesmos, motivo pelo qual não é incomum encontrarmos nos saraus poetas declamando suas próprias produções, em que emana a preocupação com questões sociais, bem como a busca pelo reconhecimento no campo literário brasileiro.

Nesse contexto, Tennina destaca que os saraus não podem ser tratados de forma uniforme, como se fossem todos iguais. Cada sarau traria um **circuito/cena/movimento** e apresentaria suas próprias especificidades, portanto é comum que alguns poetas se declarem pertencentes a este ou aquele sarau, o que não anula a compatibilidade e as trocas existentes entre eles. A autora cita e comenta diversos saraus, como o Sarau do Binho, Sarau Elo da Corrente e Sarau da Ademar, apresentando um pouco de suas histórias e características. Para ela, as

particularidades entre os saraus podem ser justificadas também pelo fato de muitos deles participarem de editais lançados por diferentes órgãos institucionais e, nestes casos, a originalidade é um dos critérios para sua seleção.

Reconhecendo que a identidade periférica não se expressa de maneira unificada, Tennina destaca o papel das mulheres na literatura marginal da periferia: o problema que ocorre em relação à presença feminina nesse meio é que, mesmo com seu tom combativo aos estereótipos e preconceitos, os saraus são quase sempre coordenados e organizados por homens. Ainda que a primeira obra reconhecida por parte da crítica e dos próprios literatos como sendo da literatura marginal e periférica tenha sido escrita por uma mulher, Carolina Maria de Jesus, as mulheres sempre foram minoria nos saraus e nas coletâneas publicadas, sendo representadas, mesmo nessa produção literária, majoritariamente como seres confinados, destinados à maternidade e à passividade ou como objeto de desejo: “essa característica pode ser percebida em grande parte dos romances dos escritores da literatura marginal, tornando-se evidente que para eles a preocupação maior está na dominação de classe e não na de gênero” (2017, p. 179). A autora evidencia ainda este traço **machista**, relativo à figuração feminina, em discursos presentes no *rap*, que, em alguns casos, apresentam letras nas quais as mulheres são retratadas como vulgares e, portanto, passíveis de desprezo. Contudo, completa a autora, a partir dos anos 2000 as mulheres começam a se mobilizar, formar coletivos e publicar suas próprias produções, reafirmando a forte ligação que as mulheres têm com o movimento da literatura marginal da periferia e, assim, ganhando mais espaço nesse universo.

Finalmente, a autora lembra que as produções dos saraus ironizam as exclusões do campo literário, formando seu próprio sistema, “paralelo, independente e autônomo em relação a esse outro, consagrado pela crítica e pelas grandes editoras” (2017, p. 225). Constroem, desse modo, sua própria concepção de “beleza” estética e negam o esquema classificatório da cultura letrada tradicional. Afinal de contas, como sugere Tennina, a literatura marginal da periferia nunca é homogênea e simplista, fazendo com que o livro **Cuidado com os poetas!** contribua, em definitivo, para com a discussão do papel do crítico literário e dos mecanismos de legitimação artística na atualidade brasileira.